

# PATRIMÓNIO ETNOGRÁFICO PORTUGUÊS

## INDÍCE:

- O que é a etnografia
- Artesanato
- Festas e Tradições
- Lendas
- Gastronomia
- Usos e Costumes
- Religião
- Cultura
- Língua
- Vida Social

Decidi fazer o trabalho sobre o património etnográfico por ser uma area vasta, e duma riqueza enorme, onde se insere as tradições de determinadas populações de várias localidades, pois gosto de ver como é o modo de vida das pessoas nas suas regiões. Este trabalho insere-se na disciplina de C.L.C.

A etnografia é a ciência que estuda os povos do ponto de vista dos seus costumes, da sua mentalidade, do seu modo de vida, da sua cultura, desde as suas mais remotas origens até aos nossos dias. Em termos práticos, podemos considerar o património etnográfico como o conjunto de objectos, actividades, usos, costumes e tradições que caracterizam o modo de viver de uma certa comunidade na sua relação entre si e com o ambiente em que se insere. Como fica evidenciado, o campo da Etnografia é tão vasto que dificilmente se identificam os seus limites. Desde logo o artesanato e tudo o que concorre para a sua produção - as actividades, utensílios e tradições que perduraram durante séculos, algumas das quais desapareceram e outras encontram-se em vias disso. Deu-se lugar à mecanização da agricultura, à transformação da indústria, perdeu-se a memória das histórias, dos despiques, dos provérbios, das lendas... Numa história etnográfica não nos interessam apenas as peças como os arados, trilhos, forquilhas, teares... mas também as máquinas surgidas na agricultura no primeiro quartel do séc. XX, o fabrico do pão, o ciclo do azeite, com o registo das técnicas de trabalho usadas desde a apanha da matéria prima até à sua transformação, sem esquecer a salvaguarda dos moinhos, dos lagares e todos os materiais a ele associados.



Igualmente, não devemos deixar de registar outras actividades locais, algumas delas ligadas ao rio e ao mar, como a pesca, com as suas tradições, usos e costumes, hábitos alimentares e vestuário; dos transportes fluviais, com as suas embarcações e técnicas relacionadas com esta actividade. Podemos incluir ainda o artesanato e actividades correspondentes, os trajes e enxovais, festas e tradições, feiras e romarias, as mezinhas, benzeduras e maldições







## ARTESANATO:



Entende-se por artesanato a manufatura de objectos com matérias primas existentes na região, ou próximo, produzidos por um ou mais artífices, com o auxílio dos seus familiares, numa pequena oficina ou na própria habitação com o fim de as trocar ou vender. Os produtos artesanais, assim criados, têm a vantagem de ser, por um lado objectos únicos, por outro objectos que reflectem a cultura da região onde são criados. O concelho de Odemira dispõe de um inestimável património de actividades artesanais. Essa riqueza está patente na variedade e qualidade das obras produzidas pelos nossos artesãos, na diversidade das técnicas e dos materiais utilizados e na autenticidade com que integram os modos de vida e de sentir da população local. A Cestaria, Cerâmica, Olaria, Tecelagem, Latoaria, Fabrico e Empalhamento de Cadeiras, Produção de Calçado, Violas Campaniças, Miniaturas de Actividades Locais e de Alfaias Agrícolas, Abegoaria são alguns exemplos da diversidade de criações tanto ligadas a actividades económicas específicas como à imaginação e à Arte Popular.

## Festas e Tradições:

## Vila de Odemira (Santa Maria e S. Salvador):



## Vila Nova de Milfontes:



## Lendas :

### Lenda de Odemira:

"A explicação da procedência da palavra *Odemira* conheceu já várias versões. A primeira interpretação do nome aparece por via popular e lendária. Carvalho da Costa refere-a no princípio do século XVIII. *Ode* seria, dizia-se, o nome do alcaide mouro do castelo, a quem a mulher terá gritado ao ver o exército cristão aproximar-se: "Ode, mira para os inimigos, donde vêm sobre nós". Esta versão e algumas variantes correm ainda entre a população odemirense."

*Dr. António Martins Quaresma,*

*in Odemira Histórica - Estudos e Documentos*

### Lenda do Pego das Laimas:

Conta a lenda que um lavrador tinha uma filha, que era a menina dos seus olhos. Certo dia a filha adoeceu gravemente. O pai, como a filha era a melhor coisa na sua vida, prometeu a um Santo uma junta de bois e uma grade de ouro se a filha ficasse boa.

A filha curou-se, mas o lavrador não pagou o que tinha prometido.

Como a sua filha tinha o hábito de ir beber água no Pego das Laimas, que era também onde os bois iam beber, a filha do lavrador ficou encantada.

Só quem for capaz de segurar a grade de ouro e os bois que vêm ao cimo da água, na manhã de S. João, poderá desencantar a filha do lavrador. Dizem que muita gente já viu a grade e os bois, mas nunca ninguém conseguiu segurá-los.

## MONÇÃO:

Um pouco por todo o lado, se tem vindo a notar a perda de alguns costumes e tradições populares. O concelho de Monção é uma região rica no que respeita a testemunhos vivos de uma cultura que se combina com as mais ricas e variadas tradições e manifestações populares e religiosas. A cultura popular, continua a ser transmitida de geração em geração, sob a forma oral por meio de lendas, provérbios, cantilenas e os cantares ao desafio. Em algumas freguesias do concelho ainda subsistem práticas comunitárias como: as desfolhadas, a malhada do milho, as lavradas, as vindimas e o ciclo do linho e ainda se utilizam engenhos de trabalho. Monção conta com inúmeros moinhos e espigueiros, sendo de destacar o espigueiro Pedro Macau por ser um caso único em todo o Minho, pelas suas características e o conjunto de espigueiros em Luzio. Na sua essência relacionadas com os usos e costumes vividos pelos nossos antepassados que, foram caindo em desuso, continuam hoje a ser transmitidas e dinamizadas pelos grupos folclóricos e associações locais. Para além dos exemplos do folclore e das festas, feiras e romarias, as tradições do concelho de Monção destacam-se pelo seu carácter religioso ou popular, mas que foram sobrevivendo à passagem dos séculos, das quais destacamos:

Feira do Alvarinho, Maio/Junho  
Festa do Linho, em Agosto, na freguesia de Moreira  
Festival Internacional de Folclore, freguesia de Merufe em Junho;  
freguesia de Barbeita em Julho; freguesia de Pinheiros em Agosto  
Domingos Gastronómicos, em finais de Fevereiro  
Festa da Coca, em Maio/Junho (Dia do Corpo de Deus)  
Senhora das Dores, em Agosto  
Feira Municipal (às quintas-feiras)  
Feira Agrícola do Vale do Mouro (3º sábado e domingo de Junho)

## GASTRONOMIA:

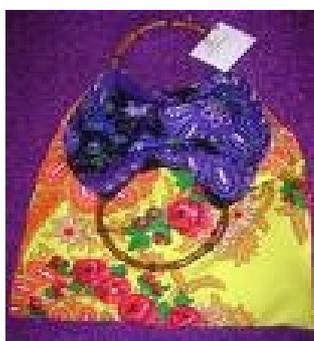
Classificada como “Património Nacional”, a gastronomia surge como um marco diferenciador da herança cultural de um povo. Falar dos sabores tradicionais é viajar pelos maravilhosos aromas de pratos confeccionados com saber e minúcia que se adaptam às estações do ano e aos produtos que a natureza gentilmente oferece. O concelho de Monção oferece um vasto cardápio de paladar caseiro e gostoso que compreende, entre outros manjares, o arroz de lampreia do rio Minho, o sável e o salmão, geralmente servidos grelhados ou em caldeirada, o cabrito assado à moda de Monção, conhecido como a “Foda à Monção” e, na doçaria, as delícias conventuais das “barriguinhas de freira” e os populares papudos e roscas. Consequência desta variedade e riqueza gastronómica, a autarquia monçanense, em conjunto com os proprietários dos restaurantes locais e a região de turismo, levam a efeito a iniciativa “Domingos Gastronómicos”, em Fevereiro, dedicado à promoção do arroz de lampreia do rio Minho e “barriguinhas de freira. Este evento, parte integrante do calendário cultural anual da autarquia, é motivo de atracção para inúmeros visitantes motivados pela excelência da culinária local e pelos programas de animação preparados pelo executivo para complementar a oferta gastronómica. No caso dos “Domingos Gastronómicos”, a vila anima-se com o “Rali à Lampreia”, perícia automóvel no centro histórico.



## ALCÁCER DO SAL:

Ao longo dos anos o Homem foi criando instrumentos que lhe permitissem trabalhar ou viver melhor. A necessidade criou o engenho e promoveu o desenvolvimento de uma série de técnicas e ofícios, cada vez mais raros, como a cestaria, a correaria ou a olaria. Grande parte do nosso artesanato, sobretudo na região alentejana, tem por isso um carácter eminentemente utilitário. Alcácer do Sal não é excepção e o trabalho dos artesãos do concelho caracteriza-se pela utilização

de matérias-primas presentes na vida quotidiana e pela recriação de tradições da faina agrícola. Tradicionalmente, Alcácer do Sal é conhecida pelo trabalho dos seus correeiros que utilizam o cabedal não só para produzir calçado, carteiras, malas ou samarras, mas também selas, selins e respectivas guarnições, arreios para cavalos e todo o tipo de apetrechos para caça. As figuras em miniatura alusivas ao trabalho no campo feitas em madeira, metal e cortiça, as esteiras, as cadeiras e os mochos em tabúia ou buinho são outros dos produtos artesanais que podem ser encontrados no concelho. Se algumas destas artes parecem aproximar-se da extinção, são ainda muitas as artesãs que se dedicam aos bordados e às rendas. Além do artesanato tradicional, nos últimos anos tem vindo a desenvolver-se na região de Alcácer do Sal o chamado artesanato urbano, que aposta em novos métodos de produção e na originalidade, modernidade e inovação das peças finais. Desta forma, introduziu-se no espaço concelhio a pintura em tecido e em cerâmica, a azulejaria e a bijuteria artesanal



## **RANCHO FOLCLÓRICO E ETNOGRÁFICO MONTEMORENSE**

O Rancho Folclórico e Etnográfico Montemorense foi fundado a 19 de Fevereiro de 1986, é membro associado do INATEL e é constituído por cerca de 40 elementos. O concelho de Montemor-o-Novo, que se estende por uma superfície de 1.2130Km<sup>2</sup> situa-se no coração do Alentejo, a meio caminho de Lisboa e da fronteira terrestre do Caia (Espanha).

Essencialmente rural, e escassamente povoada, região de planícies ondeadas de searas, montados e olivais, é também detentora de um riquíssimo património cultural, nomeadamente o património edificado, o artesanato, os usos e costumes tradicionais.

Cenário de povoamentos, vários ao longo dos séculos, quase todos eles assinalados no património existente, o Concelho tem na Gruta do Escoural, e nas Anta de S. Brissos e S. Geraldo provas indelmentíveis de que o cadinho lusitano começou a laborar cedo. Uma região com património cultural tão rico, deveria ter, quase forçosamente, um grupo folclórico que fosse recolhendo e preservando todas as tradições locais.

Em 1985 surgiu o Rancho Folclórico E Etnográfico Montemorense, que iniciou então um trabalho de recolha de trajes, modas, usos e costumes do povo, que lhe permite representar o Alentejo e mais propriamente, o concelho com autenticidade.

Assim, predominam as cantigas de trabalho e os bailes de roda campaniços. Sendo também características as polcas, as mazurcas e os puladinhos.

Baseados num trabalho de pesquisa em que foram utilizadas as mais diversas fontes, com vista a uma fiel reconstituição do modo de vestir, são utilizados os tecidos tradicionais como é o caso da

chita, do riscado, da saragouça, da cachemira e do linho na confecção dos trajes apresentados nas representações do Rancho Folclórico e Etnográfico Montemorense.

São ainda utilizados utensílios de trabalho que caracterizam o traje. Temos então a foice, o sacho, o malho, o molhe de trigo, a tigela de fogo, a cirando, o gravato, e quando acompanhados da sua escola de folclore ainda são apresentados alguns brinquedos como o carro de cana, a roda de ferro, a fiska, e a boneca de trapos entre outros, o que acaba por dar um melhor retrato do modo de vida dos antepassados das gentes do rancho folclórico etnográfico Montemorense.



**Património Etnográfico** reflecte os modos de vida tradicionais da população residente na área do PNLN e envolvente, apresentando-se, por isso, uma forte conotação com as actividades agro-marítimas.

Neste sentido, destacam-se as vivências e tradições ligadas à pesca, actividade que apresenta ainda uma expressão considerável no litoral do concelho, devendo a sua coexistência com o recreio balnear (mais expressiva na Apúlia) ser entendida numa perspectiva de unicidade da paisagem e valorização turística.

A apanha do sargaço (e do pilado), que apresenta, actualmente, uma expressão meramente residual, constituiu, no passado, a base económica familiar de um importante sector da população. Podem assim, ser identificadas, principalmente freguesias de Belinho, Mar e Fão, jazigas algológicas e indícios dessas práticas agro-marítimas. A apanha do sargaço transcreve-se como um dos principais elementos de valor cultural/etnográfico do concelho, sendo-lhe associado um conjunto de utensílios

tradicionais associados – gravetas, ganchorras, croques, ganchos, roda-foles, arrastões, galritos e foçinhões – e trajes típicos, como os utilizados pelo Grupo de Sargaceiros da Apúlia.

O fim principal desse sargaço era a fertilização dos campos de masseiras (ou gamelas), surgidos no final do século XIX, os quais integram também o património cultural e etnográfico do PNLN, e funcionam em si mesmos como elemento de valorização paisagística.

O artesanato desenvolvido no concelho é também testemunho de tradições e costumes, destacando-se os trabalhos em cestaria, e também vários artefactos ligados ao mar, como os artigos ligados à apanha do sargaço, em Apúlia, os trabalhos em conchas, em Fão, e a construção de barcos (catraias) e redes de pesca, em Esposende.

São também diversas as festividades identificadas na área do PNLN, principalmente de cariz

religioso. Destacam-se, pela sua maior visibilidade, a festa da Nossa Senhora da Bonança, em Ofir, e particularmente o “Banho santo” em São Bartolomeu do Mar (24 de Agosto), romaria acompanhada de feira, espectáculos e arraiais populares, enquadrando, assim, as potencialidades de complementaridade entre o Turismo de Natureza e o Turismo Religioso.

Outro elemento que deve ser apresentado no âmbito do património cultural/etnográfico é a

gastronomia, com fortes influências marinhas. Destaca-se, neste sentido, a iniciativa “Março com sabores de Mar”, onde participam vários restaurantes espalhados pelo concelho, promovendo a gastronomia tradicional, de que exemplo o Arroz de Lampreia e as Clarinhas.

Concluindo, o mar marca a riqueza do património etnográfico do PNLN, nas suas várias vertentes, modos de vida, artesanato, gastronomia, festividades, etc., e até no imaginário colectivo, de que constitui exemplo principal, a Lenda dos Cavalos de Ofir.

## **SABUGAL**

O clima, a agricultura e a pastorícia constituem um dos principais factores que intervêm na caracterização artesanal, cultural e gastronómica do Concelho de Sabugal.

O pastoreio e o fabrico artesanal do excelente queijo de cabra e queijo fresco são actividades que se mantiveram até aos nossos dias.

À mesa há muitos paladares a desvendar, procure provar o Javali, a Perdiz, o Coelho bravo, o arroz de Lebre, o típico

Cabrito e Borrego assado na brasa ou as tão apreciadas Trutas de escabeche. Pode ainda apreciar os enchidos, o bucho, o presunto raiano, o caldo escoado e o de “gravanço” (grão-de-bico), o caldo de vagens secas, a tapioca, o arroz doce, o bolo pardo, o bolo dos santos, as castanhas e os coscoréis ... numa ementa de comer e chorar por mais.

A emigração representa um dos fenómenos sociais mais característicos destas gentes que, na época de regresso dos

familiares emigrados, se manifesta como momentos de reencontro e alegria. As Festas e Romarias, religiosas ou populares, feiras ou mercados, assumem um encontro imediato com as tradições, marcando momentos especiais no calendário popular e também de quem nos visita. Referência ainda às famosas e únicas Capeias Arraianas, característica forma de tourear, com auxílio do Forcão, demonstrando a arte e a bravura deste povo. Como parte integrante desta tradição está o encerro. Trata-se da condução dos touros através de caminhos rurais, com o auxílio de cavaleiros experientes, que correndo à frente dos animais ou atrás destes, os conduzem até ao local onde se realizará a Capeia. É este cariz de fervor religioso, touros e cavalos que faz das festas do Concelho de Sabugal um cartaz emotivo que convida a descobrir.



## VOUZELA:

O artesanato espelha, de certa forma, o modo de vida de um povo. O concelho de Vouzela foi outrora uma região profundamente agrícola que tinha no linho, no vime e na lã uma forma de subsistência. Hoje as peças artesanais deixaram de ter este cunho para passarem a contar a história do passado e embelezarem o presente.

## A RELIGIÃO:

Visita da Imagem Peregrina de N.Sra de Fátima



## Santa Cruz - Procissão a Santa Helena



## A Religião - Memorial Histórico

### MONÇÃO

Povo religioso, por todo o concelho é bem visível a marca de fé, capelas, alminhas, igrejas espalham-se pela paisagem. Umas de maiores dimensões, outras mais decoradas, medievais, maneiristas, barrocas, frontarias que representam mais ou menos a riqueza deste concelho. Da Idade Média, Mosteiro e Igreja de Longos Vales, um conjunto edificado de referência no românico da Ribeira Minho, foi construído no século XII e, fundado por D. Afonso Henriques (primeiro rei de Portugal), em 1197. Os capitéis e a característica abside – única na Península Ibérica, estão esculpidos com figuras fantásticas, incluindo serpentes e macacos. A nave apresenta linhas muito simples e arquitectura típica do século XVII. Na vila é de destacar a Igreja Matriz, uma igreja fundada no reinado de D. Dinis no século XIII. Com influências da arquitectura religiosa gótica, manuelina, maneirista e barroca, o seu pórtico – de estilo românico – é digno de ser admirado. No seu interior, a Capela de S. Sebastião – notável pelo seu estilo gótico – possui o jazigo de Vasco Marinho, seu fundador, secretário e confessor do papa Leão X. Mais à frente no tempo, igrejas e capelas em geral de período posterior ao século XVI, das quais destacamos a Capela de S. Félix, Igreja e Convento de Santo António dos Capuchos, Capela de Santiago, Convento de Merufe, entre outros. No entanto, as mencionadas, são apenas alguns exemplos, pois todos os edifícios religiosos, espalhados pelo concelho, são dignos de referência e de visita, como por exemplo.

Igreja do Divino Salvador Barbeita (séc. XVII/XVIII)

Capela de S. Tiago Barbeita (séc. XVI)

Igreja Paroquial de Mazedo (séc. XVII/XVIII)

Igreja Paroquial de Ceivães (séc. XVI/XVII)

## ALJUSTREL

O sítio mais emblemático da vila de Aljustrel e, também, aquele que primeiro se vê ao longe, é a Senhora do Castelo. Trata-se de uma elevação dominante, encimada pela ermida de N. Sra. do Castelo que já foi, segundo tudo indica, mesquita pois tinha, originalmente, planta quadrangular. Esta ermida encontra-se normalmente aberta.



Também neste cerro (designação regional para «elevação») se encontra o castelo de Aljustrel de que resta apenas a ruína parcialmente escavada.

Deste cerro pode ver-se quase toda a vila, a sua estrutura, os seus elementos mais significativos. Mas pode ver-se também, não a zona mineira propriamente dita porque se encontra nas encostas ocultas desta vista, mas os seus indícios mais emblemáticos: os malacates, estruturas tipo torre, instaladas nos poços, que serviam para fazer descer e subir os mineiros ou o minério. São as «torres Eiffel» que são o ex-libris de todas as zonas mineiras.



Outro local interessante e fortemente marcante desta vila é a zona mineira. Integrada na chamada Faixa Piritosa Ibérica, a zona envolvente da vila de Aljustrel é explorada para extracção de minério desde tempos pré-históricos. Esta actividade económica marcou e ainda marca fortemente esta vila na sua paisagem e na sua identidade. A área mineira é, pelo seu valor como património cultural industrial, merecedora de uma atenção especial. Decorre o processo de classificação das minas de Aljustrel como Património Nacional. Para além disto, os concelhos alentejanos de Aljustrel, Almodôvar, Castro Verde, Grândola e Mértola estão a trabalhar em conjunto para incluir as minas existentes no seu concelho na lista de Bens Património da Humanidade da UNESCO.



## Eventos em Aljustrel:

### **FEIRADOCAMPOALENTEJANO:**

Decorre na vila de Aljustrel, no Parque de Feiras e Exposições, no 3º fim-de-semana de Maio. É uma feira de actividades económicas de âmbito regional com um vasto programa de animação que inclui es-pectáculos musicais, exposições, colóquios, de-monstrações, animação, restaurantes e bares, etc.

### **ENCONTRODASCOMUNIDADES MINEIRAS:**

Decorre na vila de Aljustrel no 2º fim-de-semana de Julho. É um evento relacionado com a identidade mineira que inclui colóquios, exposições, animação e convívio.

## Produtos locais e Artesanato:





Possuindo o concelho de Aljustrel uma forte tradição agrícola (como aliás toda esta região Sul alentejana), os produtos locais são o resultado de um saber fazer de longa tradição. De entre os mais característicos, destaquem-se o pão, os enchidos e o queijo de ovelha curado (Aljustrel faz parte da região demarcada de Queijo Serpa) e o queijo de cabra. Também o mel de abelha, de muito boa qualidade. E o vinho..., o belíssimo vinho de Ervidel. Mas também aqui existem artesãos que produzem artefactos em cerâmica e madeira, de temática rural e mineira, incluindo réplicas de objectos e estruturas ligadas a esta actividade.



## Gastronomia e Restaurantes:

A gastronomia regional alentejana é extremamente rica e variada. Condicionada pela escassez de meios, os alentejanos tiveram de ser criativos: a base da gastronomia sul-alentejana são o pão, a água e os temperos. Mas são o bom pão alentejano os condimentos e ervas aromáticas de que se destacam a hortelã da ribeira, os orégãos, os coentros, a hortelã, a salsa; a qualidade dos ingredientes e a arte, velha de gerações, da confecção. Estas várias componentes completam um todo que produz resultados conhecidos: os gaspachos (também conhecidos por vinagradas), as migas, as açordas, os cozidos de grão e de feijão e as sopas e ensopados serão alguns dos pratos mais característicos da nossa cozinha tradicional.





O património etnográfico dum povo numa determinada aldeia é constituído por um conjunto de objectos, actividades, usos, costumes e tradições que caracterizam o modo de viver dessa comunidade na sua relação entre si e com o ambiente em que se insere. O espólio pode ser constituído pelo sector agrícola, tradições comunitárias, vida doméstica e a ruralidade genuína da aldeia, artesanato, folclore e as tradições profanas e religiosas, etc. A etnografia é criada pelo povo, com os seus costumes, a sua mentalidade, o seu modo de vida, a sua cultura, desde as remotas origens até aos nossos dias.

## BIBLIOGRAFIA:

[www.cm-odemira](http://www.cm-odemira).

[www.cm-monção](http://www.cm-monção).

[www.cm-alcacer do sal](http://www.cm-alcacer do sal).

[www.cm-sabugal](http://www.cm-sabugal).

[www.cm-vouzela](http://www.cm-vouzela).

[www.cm-aljustrel](http://www.cm-aljustrel).

**JORGE SILVA**

Efa Secundário

**FALATÓRIO-PORTO**

4 Janeiro de 2010